

**Rua dos Guaicurus:  
Patrimônio, memória e apagamentos sociais**

JÚNIA PATRÍCIA CARDOSO\*

MÍRIAM CÉLIA RODRIGUES SILVA\*\*

**Resumo:**

Pretende-se realizar um estudo sobre os sentidos da Rua dos Guaicurus na cidade de Belo Horizonte. Os registros fotográficos e documentais, como publicações da imprensa mineira, produções culturais e depoimentos daqueles que frequentam ou estiveram na região em diferentes períodos, contribuem para entender a constituição e ressignificação do cenário da Guaicurus. A região que na fundação de Belo Horizonte se constituiu como importante polo industrial e comercial na moderna e planejada capital mineira, logo passaria por um histórico processo de transição e ressignificação, influenciando a memória e o imaginário da população. A pequena indústria passou por problemas que dificultavam sua ampliação, muitos estabelecimentos comerciais se deslocaram para Avenida Afonso Pena que estava se expandindo. Ainda assim a Rua dos Guaicurus se destacava pela boêmia, um lugar onde se encontravam pessoas de diversas camadas sociais. Com o desenvolvimento dos bordéis, a Rua logo ficou conhecida como “zona boêmia”, local de diversão noturna, serviu também de inspiração de algumas produções culturais, dentre elas o renomado romance *Hilda Furacão*, do escritor e jornalista mineiro Roberto Drummond. No tempo presente predomina uma imagem negativa sobre a Guaicurus. É uma Rua marginalizada voltada para o baixo meretrício. O presente estudo foi realizado através de pesquisa no Museu Histórico Abílio Barreto e com base nas discussões feitas durante as aulas da disciplina *Patrimônio e Processos Educativos*, lecionada no programa de pós-graduação Mestrado em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). A partir da análise dos documentos pesquisados percebe-se a relevância histórica da Rua dos Guaicurus para a

---

\* Estudante do Mestrado em Educação e Formação Humana na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

\*\* Estudante do Mestrado em Educação e Formação Humana na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e bolsista da CAPES.

Cidade de Belo Horizonte, mas há uma dicotomia sobre a constituição de uma memória coletiva que se por um lado renega a atual representação da Rua, por outro acredita em seu reconhecimento.

**Palavras-chaves:** História, memória, ressignificação, Rua dos Guaicurus e patrimônio.

### **A Rua dos Guaicurus do ponto de vista histórico**

Quando Belo Horizonte foi construída entre 1894 e 1897 ela se assumiu como obra simbólica da República em Minas Gerais e houve acirrados debates sobre esse empreendimento. Letícia Julião (1996) afirma que os defensores da nova capital discursavam o quanto ela seria “um lugar moderno, higiênico e elegante, capaz de consolidar um poder vigoroso e assegurar a unidade política do Estado” (p. 50). A cidade encarnaria, no imaginário, as ideias de modernidade presentes no século XIX e os valores da jovem República brasileira.

A nova capital deveria ser a antítese do que era a anterior Ouro Preto, ligada ao passado, ao atraso e aos valores monárquicos. A antiga capital com seus morros e ruelas estreitas que mais pareciam labirintos que não levavam a lugar algum (ou a todos os lugares ao mesmo tempo, o que dava um sentido de desordem) parecia fora de moda perto do projeto de Belo Horizonte planejada seguindo os modelos de Paris e Washington, com suas linhas retas e avenidas largas. O próprio Aarão Reis enfatizou na planta da cidade que a área urbana seria “dividida em quarteirões de 120m x 120m pelas ruas, largas e bem orientadas, que se cruzam em ângulos retos, e por algumas avenidas que cortam os ângulos de 45 graus” (JULIÃO, 1996, p. 56 *apud* REIS, 1895, p. 59-60). Ou seja, diferentemente da labiríntica Ouro Preto, Belo Horizonte definia desde a sua origem que suas ruas e avenidas levavam precisamente *a algum lugar ordenadamente*. Nesse aspecto, a cidade também se mostrava preocupada em vigiar seus moradores com essa organização racional do espaço.

A nova capital era idealizada voltada para o espaço público (diferente das cidades coloniais) e preocupada com o ir e vir de pessoas e mercadorias. Segundo Julião (1996):

Na grade indiferenciada do traçado, destacava-se a avenida central, atual Afonso Pena, que cortava de norte a sul a zona urbana, de modo a integrar a cidade e dar um sentido de unidade ao conjunto de ruas, praças e avenidas. Ela deveria induzir a ocupação urbana, constituindo o ponto de convergência das atividades. Sua implantação cumpria os objetivos do modernismo urbano: a comunicação de bairros opostos, permitindo fluir, sem obstáculos, o tráfego de bens, indivíduos e informações (p. 59).

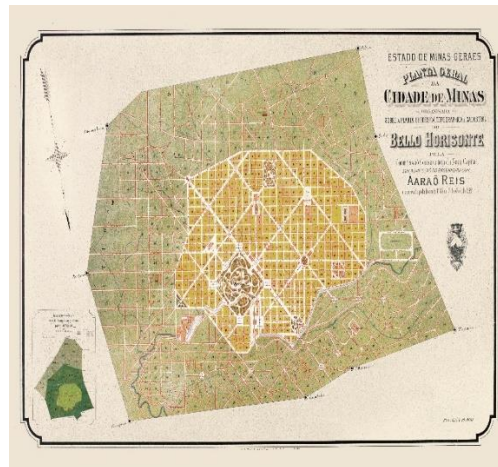


Figura 1: Planta geral da Cidade de Minas (Belo Horizonte). Acervo Museu Histórico Abílio Barreto da Coleção Comissão Construtora da Nova Capital (CCCNC).

Nesse sentido, a geometria racionalmente traçada da cidade determinava a função que cada um (lugares e pessoas) deveria ter nesse espaço. A Rua dos Guaicurus; nome que é uma homenagem aos Guaicurus, povo indígena localizado no vale do Rio Paraguai; foi uma das vias planejadas na planta original da cidade e inicialmente foi palco do primeiro setor industrial da cidade, pois era um corredor natural que ligava a Praça da Estação à região do Bairro da Lagoinha, famoso pela boêmia, passando pela Praça da Estação do Mercado Municipal (atual localização da Rodoviária). Ao longo dos anos, a Rua dos Guaicurus passou por diferenciações em seus usos, mas ela foi, em seus primórdios, representativa do movimento industrial e comercial (atacadista de mantimentos e outros) e serviços de hospedaria, barbearia e alfaiataria. Em entrevista ao jornal Estado de Minas (21/11/01), um dos comerciantes mais antigos da cidade, o libanês Fouad Khoury, da *Casa da Nações*, localizada ainda na Rua dos Caetés, explicou que os libaneses quando chegaram em Belo Horizonte foram trabalhar na Rua dos Caetés e na Avenida Paraná, enquanto os sírios preferiram a Rua dos Guaicurus e adjacências, principalmente na venda de cereais.

O desenvolvimento da indústria sofreu muitas dificuldades, por causa das inundações ocasionadas pelo Rio Arrudas e da expansão das Avenidas Afonso Pena e Raul Soares; o que contribuiu para a mudança de vários estabelecimentos comerciais para esses locais, o que influenciou no processo de desvalorização da Guaicurus como região central e relevante para Belo Horizonte (PEREIRA, 2007 *apud* OLIVEIRA, 2008). Contudo de sua origem até os anos 60, a Rua dos Guaicurus foi também um espaço importante de sociabilidade e boêmia. A jornalista Barbara Ferreira, no jornal O Tempo de 14/12/14, afirma que:

Quando surgem relatos sobre a Belo Horizonte do início do século passado, há sempre a indicação de um polo boêmio no centro da cidade. E o coração desse reduto bêbado, musical e promíscuo foi a rua Guaicurus. Ali, se reuniam em cabarés e bares homens de todas as idades e classes sociais: dos mais pobres aos intelectuais ricos. Hoje, esse símbolo histórico ainda resiste, mas o cenário é outro. A Guaicurus do século XXI é ponto de prostituição e viveu ao longo dos últimos cem anos um processo de constante degradação.

O arquiteto e urbanista Leonardo Castriota, entrevistado pelo jornal, afirma que seguindo o ideário da *belle époque*, toda cidade moderna precisava de um espaço para a boemia. Em Belo Horizonte essa região de bares começava na Lagoinha e seguia até a Praça da Estação, o chamado *baixo centro*. Há no centro de Belo Horizonte uma separação “muito clara que vem desse tempo e resiste até hoje. A divisão acontece entre o centro acima da Afonso Pena e abaixo dela. Abaixo é onde há o centro mais popular e onde era a zona boêmia” destaca Castriota. O famoso romance *Hilda Furacão* de Roberto Drummond se passa, entre vários locais de Belo Horizonte, na Rua dos Guaicurus. É para lá que a moça de maiô dourado, de classe alta, que frequentava o Minas Tênis Clube foge e se torna prostituta. Aliás, o livro de Drummond cita diversos locais que faziam parte do cotidiano boêmio dos belo-horizontinos entre os anos de 1950 e 1964.



Figura 2: Vista aérea de Belo Horizonte nos anos 50. Acervo Museu Histórico Abílio Barreto.

De importante e elegante zona boemia, com o tempo, e também devido as mudanças ocorridas com a migração comercial para outros cantos da cidade, a região dos Guaicurus acabou se marginalizando e se tornando uma área voltada para o baixo meretrício. Ao acontecer isso, a Rua dos Guaicurus acabou se deslocando na memória do belo-horizontino, não como um espaço de importância histórica para a memória da cidade, mas apenas como um local voltado para a prostituição e ligada as camadas populares. Ainda estão lá os diversos edifícios tombados pelo patrimônio histórico, o comércio popular, pessoas que fazem parte da história do lugar e da cidade, mas a Rua está entranhada na memória da cidade apenas como um “antro de prostituição”. De tempos em tempos surgem publicações em jornais e revistas abordando o glamour que outrora viveu a região e lembrando que no tempo presente a Rua dos Guaicurus está mergulhada apenas na “degradação” e “decadência”. Portanto torna-se necessário observar sua diversidade e discorrer sobre a constituição da memória atual da região.

### **A memória atual sobre a Rua dos Guaicurus**



Figura 3: Vista lateral da Praça Ruy Barbosa. Em primeiro plano, cruzamento das Rua dos Guaicurus e Bahia. Acervo Museu Abílio Barreto.

João Carlos Tedesco (2011) afirma que “o passado é reorganizado constantemente; impor versões é condição fundamental para o mesmo” (p. 26). Interessante perceber que ao se buscar a história da Rua dos Guaicurus, percebe-se que seu passado foi reorganizado, na memória belo-horizontina, como um espaço apenas voltado para a prostituição. Essa é a versão que parece tomar conta do imaginário da cidade. É como se a Rua dos Guaicurus tivesse sofrido um apagamento de sua relevância na história e de sua importância na memória da cidade. Ao buscar reportagens (versões impressas e digitais) sobre esse local, observa-se o quanto essa região não é respeitada como ela é (e se encontra no momento) e como todos os discursos querem mudar sua imagem. Constantemente surgem projetos de revitalização da Rua e como essa transformação pode integrar a Rua dos Guaicurus aos outros espaços socialmente relevantes e reconhecidos na cidade.

Desde a década de 90 há a ideia de revitalizar a Rua dos Guaicurus. A edição impressa de O Estado de Minas (10/06/98) traz como manchete: “Ocupação com glamour da velha zona boêmia”. Na reportagem, o jornal destaca que há um projeto para a região se transformar em um “charmoso ponto turístico”. Seguindo o exemplo de outras capitais brasileiras, a região poderá contar com “uma série de restaurantes de alto nível, bares, discotecas, espaços culturais, lojas 24 horas e galerias de arte”. O projeto de autoria do então vereador, Geraldo Félix, englobaria além da Rua dos Guaicurus, Curitiba, Bahia,

Caetés e a avenida do Contorno. Para o vereador, não seria uma “reabilitação urbana, mas revitalização, pois o lugar está praticamente morto”. Seria um “sopro de vida, pois vai tirar o estigma de que o acompanha há décadas”. O projeto causou polêmica à época e para a Presidenta do Sindicato das Minorias Socialmente Discriminadas, Cleide Oliveira, a ideia não tinha futuro e questionava: “Onde é que a prefeitura vai colocar 3.200 mulheres que atendem nos 22 hotéis?”. A reportagem destaca que a revitalização tem o apoio dos comerciantes. Já a edição impressa do jornal Hoje em dia (09/07/97) trazia o passado de glamour e a decadência que se encontrava a Rua naquele momento. Também mostrava o quanto a região havia se transformado em uma “zona” e há uma sugestão implícita que o espaço é mal aproveitado e que houve queda de clientela do baixo meretrício.

Ao longo dos anos 2000, o olhar sobre a Rua dos Guaicurus continuou crítico e polêmico. O Estado de Minas de 03/09/08 apresenta a proposta em tramitação na Câmara Municipal que deseja transformar quatro quarteirões do hipercentro da capital em *Área de Diretrizes Especiais*. Caso aprovado, o projeto proibiria o funcionamento de motéis, hotéis, pensões e albergues na Rua dos Guaicurus (entre as Ruas Curitiba e Rio de Janeiro). O Estado de Minas de 13/05/14 traz como manchete “História despedaçada”, ao lado de uma foto de um prédio antigo “degradado” que o jornal afirma ser espaço de prostituição e mendigos.

Em O Tempo de 14/12/14, o jornal mostra que a revitalização é uma necessidade, mas nunca saiu do papel principalmente pelo poder público não ter uma ideia clara de que tipo de revitalização deve ser feita. “Alguns deles queriam acabar com a prostituição - que é o que movimenta a região -, outros querem manter os hotéis, mas revitalizar a rua”. Para Leonardo Castriota que é entrevistado pelo jornal, a questão extrapola a revitalização física, pois é “necessário examinar diversos aspectos sociais. Ele acredita que as tentativas de revitalização da região que foram pensadas até hoje podem não ter dado certo por não contemplar essa política voltada para as pessoas”.

De uma maneira geral, todas as 12 reportagens analisadas de jornais mineiros de 1997 a 2015 (versões digitais e impressas) apresentavam a necessidade de revitalização da Rua dos Guaicurus. Alguns textos abordavam explicitamente essa temática, outros

traziam o glamour do passado para mostrar a atual decadência. Observando essas reportagens percebe-se como a Rua dos Guaicurus é ambígua no imaginário da cidade. Quem não tem conexão com a Rua, a enxerga apenas como um espaço de prostituição, pobreza e violência. Quem tem, percebe sua historicidade e que ela não se resume apenas a um reduto de baixo meretrício. Reconhece que isso faz parte da sua história, mas ela não é apenas isso. Percebe que a Rua possui inúmeros problemas sociais e que pode passar por mudanças físicas e estruturais (muitos prédios tombados estão abandonados), mas é preciso reconhecer seus atores e respeitá-los. Como afirmou Castriota, em qualquer tipo de intervenção as pessoas desse espaço precisam ser inseridas.

Tedesco (2011) afirma que a memória patrimonial que é uma expressão do passado “necessita de repetição e re-atualização das lembranças (...), lançando sempre algo, ao mesmo tempo, ao esquecimento, à marginalidade, à exclusão, à anulação de significados e de presença” (p. 31).

Nesse sentido, pode-se questionar por qual motivo a Rua dos Guaicurus está entranhada no imaginário popular como um espaço de prostituição. A região, desde a sua origem, foi um espaço frequentado por pessoas de todas as camadas sociais da cidade. Lá encontravam-se políticos, intelectuais, populares e artistas. O cineasta norte-americano, criador de um dos filmes mais reverenciados do cinema, *Cidadão Kane*, em passagem por Belo Horizonte esteve no famoso *Montanhês Dancing*, na Rua dos Guaicurus. Roberto Drummond, um dos ávidos frequentadores do local, ambientou seu livro de maior sucesso, *Hilda Furacão*, nessa Rua. Em entrevista ao jornal Hoje em Dia (09/07/97), ele afirmou que a Rua é um marco na história da cidade. “A rua hoje não é mais a mesma. Na época áurea, havia um certo clima, uma fantasia que estava dentro da gente”. Interessante que esse tipo de nostalgia ainda está presente quando se pensa a Rua da Bahia na história de Belo Horizonte, mas não a Rua dos Guaicurus. Talvez porquê na Rua da Bahia houve “repetição e re-atualização” dessa memória ligada à boêmia, à intelectualidade, enquanto na Rua dos Guaicurus, houve “repetição e re-atualização” de um espaço dominado pelo baixo meretrício. Claro que nenhuma dessas duas imagens diz o que são as Ruas da Bahia e do Guaicurus, mas é interessante perceber como a primeira conseguiu se firmar com essa identidade e a outra teve um apagamento desse passado.



Vários motivos podem ser levantados para isso ocorrer. A memória nunca é estritamente pessoal, já que está envolvida no coletivo. Ao buscar o passado, será que a memória de Belo Horizonte deseja reverenciar um espaço ligado à prostituição? Algo que vai contra o epíteto da *tradicional família mineira*? Sarlo (2007) afirma que ao se buscar o passado sempre vão ocorrer conflitos e que isso pode ser perigoso para a harmonia social. Talvez olhar para o passado da Rua dos Guaicurus e reconhecer a sua história seja algo complexo para a cidade e daí a necessidade de querer a revitalização a todo custo desse espaço. Afinal, a revitalização como se propõe não deixa de ser um tipo de apagamento.

De todo modo, essa é uma questão que Belo Horizonte deverá enfrentar nos próximos anos. O que é a Rua dos Guaicurus para ela? Qual é a memória dessa região para a história da cidade? Não é possível que ela de maneira geral só exista como um passado idealizado e um presente decadente.

### **Considerações Finais:**

Ao se buscar o passado da Rua dos Guaicurus percebe-se que ela foi um local importante para a boêmia da cidade, um ponto de encontro de pessoas de camadas sociais diversas e também um espaço de sociabilidade, mas de importante e elegante zona boemia, com o tempo, a região Guaicurus acabou se marginalizando e se tornando uma área voltada para o baixo meretrício. Ao acontecer isso, a Rua dos Guaicurus acabou se deslocando na memória dos belo-horizontinos, não como um espaço de importância histórica para a memória da cidade, mas apenas como um local voltado para a prostituição e destinado as camadas populares. Os veículos de comunicação reconhecem a importância do seu passado, mas direcionam um olhar crítico ao momento atual. “Decadente” e “degradante” são adjetivos comumente utilizados para definir a Rua dos Guaicurus. Noticiam que há um clamor generalizado para a revitalização da região.

Esse desejo em mudar *a cara* da Rua dos Guaicurus tem a ver como a região se encontra no imaginário dos belo-horizontinos e como é um local que não faz sentir orgulho à cidade e, portanto, deve ser revitalizado. De certa maneira essa “revitalização” é uma espécie de apagamento do passado. Revitalizar a região significa transformá-la

para se integrar aos outros espaços socialmente relevantes e reconhecidos na cidade. Interessante observar que há prédios tombados na região, mas de uma maneira geral, a Rua não é aceita tal como é. Sabe-se que ao se olhar o passado sempre ocorrem negociações e que a definição de um patrimônio é sempre um processo político.

A construção do patrimônio cultural da nação, percebida como prática social, evidencia um campo de conflito material e simbólico no processo de constituição da memória coletiva ou de grupos. Portadora de um regime de historicidade, a escolha de determinados bens culturais como representativos da identidade nacional ou de determinados grupos ou etnias é sempre uma operação política que se traduz igualmente na escolha por um passado histórico e cultural revelador da luta permanente pela representação da nação (NOGUEIRA, 2008, p. 244).

Nesse sentido, pode-se questionar por qual motivo a Rua dos Guaicurus ao longo de sua história sofreu “repetição e re-atualização” como um espaço dominado pelo baixo meretrício, o que é a antítese do imaginário da *tradicional família mineira*. A Rua se apresenta como um espaço com fortes dicotomias e apesar de ser vista através de muitos rótulos e estereótipos está viva e é um espaço rico em significados. Ao longo de sua história, passou por diferenciações em seu uso e intervenções urbanas, mostrando seu movimento contínuo. Essa diversidade é (e foi) a tônica da região, com seus muitos símbolos, vestígios, relatos, protestos e registros artísticos, e todos, ajudam a contar a história de Belo Horizonte e representam as distintas formas de apropriação e ressignificação desse lugar de memória. Portanto, buscar uma memória mais representativa da Guaicurus é algo importante na construção identitária da cidade e de seus cidadãos.

### Referências:

ALVES, Luiz Carlos. *A minha história com Hilda Furacão*. Edição Brasil (Jornal Online). Minas Gerais, 9, agosto de 2014. Disponível em: <<http://www.jornaledicaodobrasil.com.br/site/a-minha-historia-com-hilda-furacao/>> Acesso em: 10/07/2015.

BUENO, Felipe. *A Rua Guaicurus, zona boemia de Belo Horizonte, resiste década por década, e ainda continua com a vocação de ser o local do sexo*. Jornal O Tempo.

Belo Horizonte, 14 dez 2014. Disponível em:  
<<http://www.otempo.com.br/cmlink/desvendando-a-rua-guaicurus-1.958855/>>  
Acesso em: 12/07/2016.

Diário Oficial do Município- DOM. Ata da 237ª reunião ordinária de 17 de dezembro de 2013. Belo Horizonte, ano XX - Edição N. 4507, 26 de fevereiro de 2014. Disponível:  
<<http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1116699>> Acesso em: 10/07/2015.

FERREIRA, Barbara. *De elegante zona boêmia a prostíbulo, Guaicurus resiste*. Jornal O Tempo. Belo Horizonte, 14 dez 2014. Disponível em:  
<<http://www.otempo.com.br/cidades/de-elegante-zona-bo%C3%A0mia-a-prost%C3%ADbulo-guaicurus-resiste-1.961042>> Acesso em 12/07/16.

JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: Itinerários da cidade moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.). *BH Horizontes Históricos*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1996.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. *Diversidade e sentidos do patrimônio cultural e cultura afro brasileira. Anos 90*. v. 15 n 27. P. 233-255. jul 2008.

OLIVEIRA, Mônica Queiroz de. *Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil*. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

POULOT, Dominique. *Introdução: História, Memória, Patrimônio*. In: \_\_. Uma história do patrimônio no Ocidente. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.p.09-37; 197-239.

RODRIGUES, Rita Lages. *Luiz Olivieri e o ecletismo nas primeiras décadas de Belo Horizonte*. V Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais. Belo Horizonte, 26 de out. a 01 de nov. de 2009. Disponível em:  
<[http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/luiz\\_olivieri.pdf](http://www.ponteentreculturas.com.br/revista/luiz_olivieri.pdf)>. Acesso em: 10/072015.

SARLO, B. *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVEIRA, Flávio L. A.; LIMA FILHO, Manuel F. *Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma das coisas” e a coisificação do objeto*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 11, n° 23, p. 37-50, jan/jun, 2005.

TEDESCO, João Carlos. *Memórias em batalhas: dimensão política da memória*. Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 34 - Arquivos e tecnologias digitais.

TUPINAMBÁS, Glória. *Lei tira prostitutas da rua*. Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte, 03 set. 2008.

WERNECK, Gustavo. *História Despedaçada*. Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte, 13 maio 2014.

WERNECK, Gustavo. *Ocupação com glamour da velha zona boêmia*. Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte, 10 jun 1998.